

CHANTRAPAS

um filme de Otar Iosseliani

Festival de Cannes – Seleção Oficial | 2010 | França | 122 min. | M/12



Nicolas é um artista, um cineasta, que só deseja expressar-se e a quem todos desejam reduzir ao silêncio. Quando inicia a sua carreira na Geórgia, os “ideólogos” esperam amordaçá-lo, preocupados com o facto de a sua obra não seguir as regras fixadas. Perante a determinação daqueles, Nicolas deixa a sua terra natal e viaja para França - a terra da liberdade e da democracia. Mas o “estado de graça” não vai durar muito.

Entrevista ao realizador

Chantrapas?

Otar Iosseliani – É russo, inspirado no francês “chantera pas” [inapto para o canto]. No final do século XIX, todas as famílias abastadas de São Petersburgo levavam os seus filhos a professores italianos do *bel canto*, para terem aulas com eles. Na época, a aristocracia russa falava francês, e por conseguinte os professores italianos aprenderam duas palavras para fazerem a selecção das crianças: “Chantera” [apto para o canto] e “Chantera pas”. Deste modo, “Chantrapas” acabaria por se tornar um nome comum: os “chantrapas” eram os que não eram bons em nada, os que ficavam excluídos. Um pouco como o meu personagem principal, censurado na União Soviética, e menos bem recebido no Ocidente do que aquilo que esperava. Victor Hugo, Fritz Lang, René Clair, Orson Welles, Tarkovski, Askoldov, Chenguelaia... foram todos excluídos, “Chantrapas”, obrigados a deixar o seu país natal, sem saber navegar muito bem nestas águas desconhecidas, carregando todos dentro de si uma profunda ferida.

É um filme autobiográfico?

O.I. – Não, porque o meu destino acabou por ser bastante diferente. No fim de contas, fiz sempre o que quis na União Soviética, apesar de os meus filmes terem sido proibidos: *Folhas Caídas* e todas as minhas curtas-metragens. Mas ao mesmo tempo que tínhamos os filmes proibidos, éramos pessoas respeitadas. E depois, em 1979, a seguir a *Pastoral*, fui obrigado a abandonar o país. *Chantrapas* é um retrato colectivo de vários cineastas. Aqueles que de entre nós conseguiram fintar a censura contam-se pelos dedos: Serguei Paradjanov, Andrei Tarkovski, Georgui Chenguelaia, Gleb Panfilov, Alexandre Askoldof... Ao mesmo tempo, 120 realizadores trabalhavam para o regime, porque o cinema era um instrumento de propaganda. Mas apesar de tudo não podemos afirmar que os censores eram muito severos conosco. Proíbiam os filmes, mas respeitavam os cineastas. Isto também lhes dava dores de cabeça... E davam-nos a possibilidade de terminarmos os filmes antes de serem proibidos.

[...]

Como definiria Chantrapas?

O.I. – É uma parábola sobre a necessidade de continuarmos a ser nós próprios apesar dos obstáculos à nossa volta. [...] O que eu queria partilhar com o espectador era isto: a felicidade de ser uma pedra, de resistir a tudo.

[do dossier de imprensa do filme]

Cineasta poeta, um jovem tenta fazer filmes no seu país, a Geórgia, mas esbarra com a incompreensão das autoridades e da censura. Emigra para França, a pátria dos direitos do homem, dos artistas e dos refugiados políticos, mas tropeça agora na indelicadeza dos produtores e nos impasses do sistema capitalista.

A ideia de *Chantrapas* assemelha-se como duas gotas de água a um resumo lapidar da vida de Otar Iosseliani. Otar tem o ar de um bom farsola que já conhecemos quando teimosamente pretende fazer-nos crer que este filme não é de modo algum uma autobiografia, e no entanto, por detrás deste paradoxo aparente, pode ser que tenha mesmo razão. Porque *Chantrapas* não é de forma alguma uma *biopic* no sentido em que habitualmente a entendemos: lacada num período de tempo e seguindo os episódios principais de uma vida numa óptica supostamente verista. Otar sabe melhor que ninguém que é impossível duplicar uma vida no cinema e este primo germano georgiano de Jacques Tati e Pierre Étaix nunca acreditou nas certezas de um cinema espectacular calibrado como um produto de fábrica.

O truque de Otar será antes a graciosidade ligeira da narrativa, o murmúrio dos diálogos, a incerteza dramaturgica, o *gag* não sublinhado, o cinema como uma doce embriaguez. Nada se impõe nos seus filmes, tudo é sugerido, oferecido à liberdade e à atenção do espectador. Por isso, contar a sua vida, pffft, isso seria para alguém que Iosseliani acharia de uma pretensão vulgar. *Chantrapas* é então uma experiência cinematográfica mais complexa e subtil que um *biopic*, é um filme onde reconhecemos fragmentos da biografia do cineasta que poderíamos ler na *Wikipédia*, mas como se tivessem sido mergulhados numa outra matéria, que não é a vida de Iosseliani mas o seu cinema, seja a sua vida sonhada, projectada, fantasiada, inventada, exagerada.

[...]

Falamos de burlesco e, no entanto, aquilo por que Otar e os seus filmes passaram não tem nada de divertido: a ditadura, a opressão, a censura, o exílio. Mas a grande polidez do cinema de Otar, a suprema elegância de *Chantrapas*, consiste em tratar com leveza e humor a matéria mais trágica. Pelo seu título, *Chantrapas* parece responder a *Era uma Vez um Melro Cantor*, um dos primeiros filmes georgianos do autor. [...] o velho melro continua a saltar o seu canto de cinema único, singular, cintilante, onde a vivacidade e a ironia o transportam sempre para uma melancolia que aflora. Um filme mágico.

Serge Kaganski, *Les Inrockuptibles* ★★★★★ [Setembro, 2010]



Comédia da Decepção

Chantrapas

Reencontramos [Otar Iosseliani] em boa altura, não só porque “*Chantrapas*” é um belíssimo filme mas também porque se trata de um filme de “balanço”, ou de uma espécie de resumo da autobiografia profissional do cineasta georgiano. É a história de um jovem realizador que, no seu país natal (uma URSS dada por notações, “gags”, rituais desconstruídos), encontra problemas com a censura e com a burocracia ideológica, e parte então, cheio de esperança, para uma carreira no “mundo livre”, onde encontra mais problemas e outras censuras e burocracias ideológicas. Que é “autobiográfico” é evidente, na medida em que reproduz o percurso do próprio Iosseliani, que também chegou a um ponto – nos anos 80 – em que se fartou das complicações levantadas pela censura na URSS e passou a fazer os seus filmes em França (“*Os Favoritos da Lua*” foi, justamente, o seu primeiro filme francês).

Mais ainda, a ironia melancólica – e nunca cínica, nunca ácida – com que Iosseliani faz o relato deste percurso coincide com um dos motivos fundamentais dos seus últimos filmes, o tema da viagem e da decepção no fim do caminho, como se todos os lugares fossem mais ou menos equivalentes e as mesmas coisas se passassem, mais ou menos, em todos os lugares. Iosseliani contou em entrevistas que tinha primeiro pensado contar a história deste eterno rejeitado que é o seu protagonista (“chantera” ou “chantera pas”: era assim que os professores de canto italianos contratados pela aristocracia russa davam o seu veredicto sobre o futuro dos jovens pupilos que lhes propunham) sem fazer da personagem um realizador de cinema.

Mas quando se decidiu a servir-se do cinema como meio para a personagem mergulhou em cheio nos jogos de espelhos autobiográficos: as imagens do filme que, nas primeiras sequências, metem o jovem protagonista em trabalhos, são realmente imagens do filme que, nos anos 60, primeiro trouxeram sarilhos a Iosseliani (uma curta-metragem chamada “*Sapovnela*”: viam-se planos de flores a serem esmagadas por tractores e a censura, desconfiada de alguma metáfora desagradável, convocou Iosseliani para lhe perguntar o que significavam as flores e o que significavam os tractores). É preciso dizer que não há nenhuma ferocidade em Iosseliani, é o cineasta mais compassivo do mundo, e a descrição das reuniões com os burocratas e os censores está cheia de uma humanidade a milhas de qualquer maniqueísmo – os apartes (“na casa de banho toda a gente diz a verdade”), o desespero do funcionário que aconselha o protagonista a



exilar-se. Ou por outra, há ferocidade, mas ela não se dirige aos homens, que são todos, os que trabalham para o regime e os que tentam contorná-lo, igualmente desgraçados.

E é o mesmo na segunda parte, inúmeras reuniões, inúmeros conselhos, inúmeras dificuldades. Aparece Pierre Étaix, que já tínhamos visto nos "Jardins d'Automne" e é o mais reconhecível rosto de "Chantrapas", talvez para reforçar o laço "familiar" que liga o cinema de losseliani ao cinema de Tati e do próprio Étaix. Quase tudo acontece em planos gerais, com várias personagens no quadro, e losseliani cultiva o "gag" minimalista e nada sublinhado. Como cultiva – espécie de "poesia de exilado" – o que cultivou desde sempre: o prazer simples (a música, as velhas canções georgianas, o vinho) como trégua no meio de todas as dificuldades. No fundo, é aquilo que fica. E por aí se fica "Chantrapas", de maneira belíssima (a miúda e o acordeão), numa tristeza tão doce que deixa de ser tristeza.

Luís Miguel Oliveira, *Público* ★★★★★ [Janeiro, 2011]



Nicolas é um jovem cineasta muito activo na Geórgia soviética. Este melro cantor tem problemas com a censura, que o levam ao exílio em França, mas acabará por regressar. Dito de outra forma: Otari Iosseliani, obrigado a deixar a sua Geórgia natal em 1989, tornou-se depois em França um imenso maestro do filme nómada.

Para avivar a memória aos amnésicos, algumas das suas obras-primas: *Os Favoritos da Lua*, *A Caça às Borboletas*, *Adeus, Terra Firme!* Ora acontece que também Otari regressou à Geórgia para aí rodar uma parte do seu novo filme.

Mas, atenção, *Chantrapas* não é uma autoficção aborrecida. É uma fantasia, um poema, uma canção melancólica, uma boa blague, um copo de tinto, um cigarro depois do amor, em resumo, um sonho de cinema e um exemplo de liberdade.

"Uma feira graciosa", diz Otari Iosseliani, um "bazar zoulou" em todo o caso, onde um falso trabalho amador (o amadorismo aparente é evidentemente feito de disciplina) nos faz lembrar as colagens barrocas outrora *falsificadas* pelo seu compatriota Paradjanov.

Aqui, a evocação de uma parte da Geórgia da sua infância no fim dos anos 40 (Iosseliani nasceu em 1934) junta-se à Paris dos dias de hoje. Algures, uma comissão de censura dos anos 60 faz eco com as afectações dos decisores importantes de Paris. E, como sempre, maravilhosos actores desconhecidos contracenam com amigos célebres: Pierre Étaix ou a sensacional Bulle Ogier. Um efémero esplendor a fazer a ligação: é o sorriso de Iosseliani, que nos lembra que a vida é um assunto demasiado sério, e por isso é nossa obrigação zombar dela.

No fim, numa espécie de *Partie de campagne* à sua maneira, Otari Iosseliani esboça um piquenique à beira da água. As raparigas dormem a sesta, os homens pescam à linha, as crianças divertem-se a não fazer nada ou a tocar acordeão. A felicidade, diríamos. Com efeito, Otari Iosseliani definiu assim a natureza do seu projecto: "*O que eu queria partilhar com o espectador era isto: a felicidade de ser uma pedra, de resistir a tudo.*" O que nos faz crer que, ao contrário da lenda, as pedras têm coração.

Gérard Lefort, *Libération* ★★★★★ [Setembro, 2010]